

O ENCANTAMENTO DA TRADIÇÃO DO BAQUE SOLTO E A TRANS-FORMAÇÃO DO SER BRINCANTE: REINVENÇÕES EM EDUCAÇÃO

THE ENCANTMENT OF THE TRADITION OF BAQUE SOLTO AND THE TRANS-FORMATION OF THE PLAYING BEING: REINVENTIONS IN EDUCATION

Aurino Lima Ferreira¹

Márcia dos Santos Silva Gomes²

Arthur Silva de Andrade³

RESUMO

Ensaio acadêmico que busca, enquanto tese central, tecer diálogos reinventivos a partir do reconhecimento das degradações das influências da modernidade/colonialidade nos processos da educação ocidentalizada. Aqui referidas como políticas de desencantamento, motivando a nossa disposição em lançar notas de encantamento mágico-curativas-brincantes através da tradição do Baque Solto na trans-formação do ser brincante para engendrar modos de vida outros em educação. Nesta escrita, movemos um fazer de(s)colonial o qual agrega ao processo da metodologia científica rupturas ontoepistêmicas que se insurgem contra a retórica da modernidade. Movidos pelo encantamento brincante, destacamos a importância de se perceber a educação em seus aspectos de trans-dimensionalidade, oferecendo alternativas de conhecimento e transformação social a partir da diversidade de modos ontoepistemológicos de operar. Deste modo, agregando aos fundamentos da educação propriedades polissêmicas do mundo, de natureza de(s)colonial, integramos eventos cocriados espiritualmente de forma intra, inter e transpessoal, propiciando uma diversidade de maneiras de ser, estar, pensar, saber, sentir, existir e viver-com, compondo o que chamamos na tradição brincante de aspectos de diversão-devoção que cocriam experiências de trans-formação humana de base de(s)colonial no campo educacional.

Palavras-chaves: Baque solto; Trans-formação humana; Espiritualidades; De(s)colonialidade.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Mestre em Psicologia Cognitiva pela UFPE. Professor Associado IV da UFPE (Departamento de Psicologia, Inclusão e Educação). Professor do Núcleo Educação e Espiritualidade do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE. e-mail: aurino.ferreira@ufpe.br.

² Mestra em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Possui graduação em Estudos Sociais pela Faculdade Integrada da Vitória de Santo Antão. Professora da educação básica do Estado de Pernambuco. e-mail: marcia.santos@ufpe.br.

³ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal de Pernambuco (PPGEDU/UFPE). Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Estácio do Recife. Docente e Supervisor Clínico no Centro Universitário Estácio do Recife. e-mail: arthurpsique@gmail.com.

ABSTRACT

This academic essay seeks, as its central thesis, to weave reinventive dialogues by recognizing the degradation caused by the influences of modernity/coloniality within the processes of Westernized education, which are referred to here as politics of disenchantment. This recognition drives our commitment to introduce elements of magical-curative-playful enchantment through the tradition of Baque Solto in the trans-formation of the playful being, fostering alternative modes of existence in education. This writing engages in a de(s)colonial approach that integrates onto-epistemic ruptures within scientific methodology, challenging the rhetoric of modernity. Guided by playful enchantment, we underscore the importance of viewing education through its trans-dimensional aspects, offering alternatives for knowledge and social transformation rooted in diverse onto-epistemological approaches. By incorporating polysemic properties of the world, characterized by a de(s)colonial nature, into the foundations of education, we integrate spiritually co-created events on intra-, inter-, and transpersonal levels. This integration supports a multiplicity of ways of being, thinking, knowing, feeling, existing, and coexisting, forming what is known in the playful tradition as aspects of fun-devotion. These aspects co-create experiences of human trans-formation grounded in a de(s)colonial basis within the educational field.

Keywords: Baque Solto; Human Trans-formation; Spirituality; De(s)coloniality.

INTRODUÇÃO

164

Este ensaio insere-se em um trabalho mais amplo, uma dissertação de Mestrado, que objetiva investigar as espiritualidades de(s)coloniais nas experiências brincantes do Maracatu Rural ou Maracatu de Baque Solto na Mata Norte de Pernambuco e as suas possíveis contribuições para a trans-formação humana no campo educacional. Objetiva contribuir ainda com a sua reinvenção a partir do encantamento da tradição do baque solto, visto aqui como um viabilizador do reencantamento da vida, força vital e potência trans-formadora.

A escrita segue como um exercício de fazer de(s)colonial que torna o processo metodológico-científico livre das clássicas investigações de caráter dominante e instaurador de verdades únicas diante de outros saberes (Ocaña; López; Conedo, 2018). Evidencia-se aqui o movimento de giro de(s)colonial à metodologia científica, numa ruptura ontoepistêmica com a retórica da modernidade através do encantamento brincante.

Ao longo do texto, usamos o termo “de(s)colonial” com a marcação (s) para indicar um duplo movimento de enfrentamento, tanto das estruturas coloniais, que permanecem nos modos

de exploração material e relações racistas, típicas do colonialismo que ainda não cessou completamente entre nós, quanto da instigação à subversão e à transcendência do projeto de colonialidade de poder, ser e saber como proposto pela decolonialidade.

A ciência do encantamento brota do cruzo de uma pluriversidade de saberes que reconhece a diversidade como fundamento da vida e compreende a educação enquanto prática de cuidado e impulsionadora de ontoepistemologias outras. O que lhe confere propriedades de(s)coloniais por sustentar pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos que fraturam a modernidade/colonialidade, com as perspectivas transpessoais, espirituais e interculturais.

A noção de encantamento brincante que emerge do Maracatu de Baque Solto é um aporte teórico de(s)colonial que mobiliza a ancestralidade como contribuição para uma educação tomada como trans-formação humana, uma vez que “[...] encantar é expressão que vem do latim incantare, o canto que enfeitiça, inebria, cria outros sentidos para o mundo” (Simas; Rufino, 2020, p. 1) o que contraria a noção neoliberal a qual visa educar para manter a economia se expandindo, pois

A ideia da economia, por exemplo, essa coisa invisível, a não ser por aquele emblema de cifrão. Pode ser uma ficção afirmar que se a economia não estiver funcionando plenamente nós morremos. Nós poderíamos colocar todos os dirigentes do Banco Central em um cofre gigante e deixá-los vivendo lá, com a economia deles. Ninguém come dinheiro. Hoje de manhã eu vi um indígena norte-americano do conselho dos anciões do povo Lakota falar sobre o coronavírus. É um homem de uns setenta e poucos anos, chamado Wakya Un Manee, também conhecido como Vernon Foster. (Vernon, que é um típico nome americano, pois quando os colonos chegaram na América, além de proibirem as línguas nativas, mudavam os nomes das pessoas.) Pois, repetindo as palavras de um ancestral, ele dizia: ‘Quando o último peixe estiver nas águas e a última árvore for removida da terra, só então o homem perceberá que ele não é capaz de comer seu dinheiro’ (Krenak, 2019, p. 11-12).

Desta maneira, a problemática deste ensaio é formulada contrapositionalmente as degradações das influências da modernidade/colonialidade nos processos de educação. Determinadas pela supremacia do pensamento ocidental moderno cartesiano/positivista em

aderência aos modelos neoliberais aqui referidos como políticas do desencantamento, motivando a nossa disposição em lançar notas de encantamento de(s)colonial via tradição do baque solto sobre as formas de ser, saber, existir, conhecer e viver ainda movidas pelo sistema-mundo civilizatório capitalista. Reencantamento esse que ecoa esperançosamente como reinventivo dos processos de educação através da potência pluriperspectivista da transformação humana.

Uma análise do projeto ético e político da modernidade/colonialidade nos processos de educação aponta em grande medida que “[...] a escola ocidental, fundamentada no ensino seriado e na fragmentação de conteúdos, é geralmente normativa, padroniza comportamentos e corpos” (Simas, 2020, p. 135). De modo que os povos excluídos do sistema mundo capitalista precisam utilizar de todos os meios para reintegrar aquilo que foi fragmentado no humano, oferecendo assim alternativas de conhecimento e transformação social decorrentes da sua diversidade ontoepistemológica, política e pedagógica.

A educação de(s)colonial, posta neste trabalho, mobiliza perspectivas ontológicas, epistemológicas e metodológicas outras que buscam problematizar a supremacia do pensamento ocidental moderno. Em especial, o cartesianismo/positivismo que nos fornece, enquanto abertura, possibilidades polirracionais, pluriversais e plurilinguistas de ser e saber diante da tradição da ciência moderna ocidental promotora do desencanto (Simas; Rufino, 2018; 2019), por isso movemos um sentirfazerpensar sobre o mundo e as possibilidades de posicionamento e interação.

Dialogamos sobre as implicações epistemológicas do giro de(s)colonial para a economia política e os estudos da cultura, que são baseadas numa cartografia diferente das relações de poder global. Sendo aqui percebida a necessidade de compreender a colonialidade do poder para além da compreensão da economia política tradicional, a qual conceitua o capitalismo como sistema-mundo, e propor uma conceitualização de(s)colonial alternativa desse sistema-mundo (Grosfoguel, 2008) enquanto crítica à produção do conhecimento, mesmo proveniente dos lugares subalternos estabelecidos através do referencial ocidental, por isso nos

engajamos em defesa de epistemologias de(s)coloniais a partir da semiosfera do encantamento brincante.

A partir da discussão sobre a matriz colonial do poder, integra-se ao nosso aporte de(s)colonial a problematização da colonialidade como sendo o lado mais obscuro da modernidade e a urgência de realizarmos uma desobediência epistêmica (Mignolo, 2008; 2017), estabelecendo o sentirpensar de(s)colonialmente como um inexorável esforço êmico, ético e analítico para compreender/superar a lógica da colonialidade substanciada da modernidade. Por isso a questão da natureza é debatida nesse ensaio, que a compreende como parte dos estudos sobre a modernidade/colonialidade, no qual o aspecto brincante reinventa a polissemia do mundo, resgatando o sentido primário de natureza como constitutivo do humano.

A começar da mencionada condição polissêmica, mobilizamos as contribuições transpessoais através da hibridização do pensamento participativo (Ferrer, 2017; Heron, 2006) e de(s)colonial (Ferreira *et al.* 2022, 2023), dialogando com os estudos da espiritualidade contemporânea e da educação integral e contemplativa, contribuindo para reinventarmos a educação a partir do entendimento sobre os fenômenos transpessoais como eventos participativos plurais que podem ocorrer em lugares diversos, como na tradição do baque solto, o que confere poder emancipatório e trans-formador sobre si mesmo, comunidade e mundo. O que nos oferece expressivas contribuições para se reinventar o campo da educação via de(s)colonialidade, incluindo assim o pensamento e a prática de de(s)colonialidade no campo pedagógico, enquanto prática trans-formadora (Walsh, 2013), contando com metodologias produzidas em contextos de luta e resistência que fraturam a modernidade/colonialidade.

Em complemento à mencionada diversidade de maneiras de ser, estar, pensar, saber, sentir, existir e viver-com, tecemos nosso conjunto reinventivo para perceber a educação a partir do multinaturalismo (Castro, 2017), ajudando-nos a refletir sobre os diversos modos de perceber a trans-formação humana. Desse modo, relacionamos também a educação não-formal e a cultura política, problematizando a realidade social no campo da pesquisa e da produção do conhecimento (Gohn, 2006), contribuindo para identificar as aprendizagens que acontecem nas interações geradas pelo processo participativo.

Este ensaio tem assim como fundamento básico engajar a compreensão da educação por uma perspectiva trans-dimensional a partir da tradição brincante, precisamente localizada na região da Mata Norte de Pernambuco, vista como detentora das referidas espiritualidades de(s)coloniais enquanto formas intrapessoais, interpessoais e transpessoais de trans-formação do ser brincante. Aspectos esses de expressiva contribuição para reinventar a educação por perspectivas de natureza espiritual, as quais representam o movimento de reencantamento da vida por um entendimento multinaturalista que oportuniza perceber os processos educativos na tessitura da vida em espaços formais e não-formais.

1. SITUANDO O ENCANTAMENTO DA TRADIÇÃO DO BAQUE SOLTO

A tradição do baque solto, como é chamado o movimento cultural multielementar, possui enquanto origem as regiões fazedoras de cultura popular do interior de Pernambuco, com realce para a região da Mata Norte, vista como importante celeiro produtor da herança do baque solto. Detentora do que chamamos neste estudo de “encantamento”, condição essa agenciadora dos complexos brinquedos populares, tais como o Maracatu Rural, o Cavalo-Marinho, o Caboclinho e a Ciranda, tradições essas referidas pelos seus brincantes como mágicas (IPHAN, 2013).

O brinquedo popular, também denominado folguedo popular, em contexto pernambucano, são bens de natureza imaterial decorrentes da multiplicidade de práticas, costumes, crenças e valores dos povos escravizados (o negro e o indígena) nessa região a partir do século XVI, desde então, há um processo de ancestralidade africana e indígena na cultura nordestina. Em razão disso, o movimento próprio dos brinquedos populares pernambucanos é composto por danças que acontecem em círculos, filas, fileiras e pequenos agrupamentos repetidamente trazendo nos passos breves, contratempos. Normalmente contando com um cantador, comumente chamado de Mestre, responsável pela transmissão dos ancestrais cânticos cerimoniais, como facilmente visto nas evoluções próprias do Maracatu Rural.

Destaca-se também que, neste ensaio, nos referimos mais acentuadamente ao Maracatu Rural, isso é explicado por conta dessa categoria ser centralmente o brinquedo popular investigado no trabalho de dissertação, sobre o qual este estudo decorre. Enfatiza-se ainda que não elevamos à categoria central deste ensaio o Maracatu Rural, porque foi escolhido articular esse conjunto de entendimentos com a sua condição mais abrangente, sendo ela a tradição do baque solto, permitindo através disso contemplar outros brinquedos populares que dialogam com o que chamamos neste estudo de modos de encantamento brincante.

Percebe-se, na tradição do baque solto, um marcador próprio em buscar espantar os maus espíritos e evocar os bons através da ritualística presente nos folguedos populares como um todo. Algo facilmente visto no campo do ritual indígena brasileiro, por isso a sua relação mais estreita com a noção de encantamento, como a figura do caboclo de lança presente na tradição do Maracatu Rural, cuja indumentária está profundamente relacionada aos aspectos indígenas do nordeste brasileiro, como penas de pavões e outras aves, se complementando com saiotes e tangas, braceletes, lantejoulas, cordas e sementes e a cabeça sempre enfeitada com penas e lantejoulas (Sena, 2012).

Na tradição do Cavalo-Marinheiro também percebemos a presença da figura do caboclo. Nesse caso, o Caboclo d'Arubá ou Caboclo de Arubá, uma entidade encantada que canta todas as linhas de Jurema. Destaca-se que essa figura permeia outras expressões artísticas e religiosas da Mata Norte, entre elas, o já mencionado Maracatu Rural e o Caboclinho. Indica-se haver, em sua recorrência, possibilidades de diálogo com processos criativos de outras expressões artísticas que poderiam enriquecer os processos educativos.

O Cavalo-Marinheiro é composto por danças que, duram a noite inteira, são executadas em formato de roda e cujo enredo é uma rememoração da relação da sociedade canavieira composta de trabalhadores rurais, usineiros e políticos. Compreendido enquanto cenário de disputas políticas, econômicas e sociais, sendo constituído de música, dança e poesia, conjunto esse representado por personagens do imaginário do baque solto.

Em complemento ao proferido conjunto de influências indígenas, tem-se também como expressiva marca no folguedo popular a presença de rezas e dizeres sagrados unidos a cantos e

danças, por isso se tratam de brinquedos essencialmente adultos e conhecidos apenas nas comunidades rurais, configurando um conjunto de místicas decorrente da prática das cerimônias de Catimbó (Ribeiro, 1992). Inicialmente presente nas comunidades indígenas do nordeste brasileiro, principalmente no sertão nordestino, de culto fundamentado na jurema, árvore que posteriormente deu nome à religião, em complemento:

A partir da literatura existente, podemos inicialmente dizer que o culto da jurema é um culto de possessão, de origem indígena e de caráter essencialmente mágico-curativo, baseado no culto dos “mestres”, entidades sobrenaturais que se manifestam como espíritos antigos e prestigiados chefes de culto, como juremeiros e catimbozeiros (Assunção, 2010, p. 19).

Ganha destaque o caráter mágico-curativo dessa prática religiosa exercida por ampla parte dos indígenas do nordeste brasileiro. A título de exemplo, diz-se que os folguedos populares de Pernambuco possuem como uma de suas maiores marcas a presença do Mestre, responsável em operar os movimentos ou evoluções do brinquedo; contudo ele não possui importância central no brinquedo. Destaca-se assim o caráter participativo da tradição do baque solto, não existindo uma tradição centralizadora de poder, mas o entendimento de poder proporcionado pelo conjunto de pessoas que formam complexos interativos.

A condição mágico-curativa-brincante pode ser também naturalmente percebida através dos comuns binômios ditos pelos Mestres e Brincantes do Maracatu Rural, considerado o representante máximo da cultura do baque solto, pela sua complexidade de natureza integral, tais como: *Maracatu é vida; Maracatu é paixão; Maracatu é brinquedo pesado; Maracatu é magia*, dentre outros. Portanto, há em nossa argumentação um conjunto de elementos que nos fazem perceber o atravessamento ou afetamento do ser brincante em interação com o seu brinquedo popular como parte de si próprio. Indicando tratar-se de um modo participativo, numa linguagem brincante, se dizendo: *modos de diversão-devoção*, condição essa potencialmente produtora de diversificados modos de perceber o ser e o mundo integralmente.

Assim a condição de encantamento brincante é vinculada a essa condição de conhecimento pela perspectiva da transcendência, compreendida pela tradição do baque solto

como aspectos divinos/sagrados amparados na ancestralidade. Neste sentido, Simas e Rufino (2020, p. 4) indicam que:

A noção de encantamento traz para nós o princípio da integração entre todas as formas que habitam a biosfera, a integração entre o visível e o invisível (material e espiritual) e a conexão e relação responsiva/responsável entre diferentes espaços-tempos (ancestralidade). [...] por primar pela coexistência, pela alteridade e por entender que a vida é radical ecológico, a lógica do encante não exclui experiências ocidentais como contribuições para a potencialização da vivacidade.

O encantamento brincante da tradição do baque solto é então compreendido como um complexo de conjunturas decorrentes de perspectivas nascidas no chão dos terreiros e na encruza da Afrocentricidade, do Perspectivismo ameríndio e do Quilombismo ameríndio. Dessa forma, gerando participativos processos de reencantamento da vida e assim apontando a multiplicidade de modos de compreender e intervir na tessitura da vida, fomentando a diversidade de modos em educação para além do clássico subjetivismo, relativismo e objetivismo hegemonicamente apropriados ao campo da educação.

171

Em busca de fomentar a diversidade de modos em educação, evidenciam-se proeminentes desafios epistemológico, ontológico e metodológico, pois historicamente têm-se marcas da tradição universalizante do saber, do poder e do ser. Por isso é necessário realizar tanto uma desobediência epistemológica (Mignolo, 2008) quanto giros de(s)colônias, engajando a discussão sobre naturezas mais amplas, como as ontológicas, novas reinvenções em educação pelo viés brincante.

2. AS ESPIRITUALIDADES BRINCANTES: A EMERGÊNCIA DE ONTOEPISTEMOLOGIAS OUTRAS

Compreendendo que o processo da modernidade decorre diretamente do desenvolvimento do racionalismo ocidental, entende-se que as práticas cotidianas passaram a ser organizadas por uma concepção de civilidade. Potencialmente influenciada pela ideia de

progresso e a partir disso de universalização de um modo de vida único, suscitando assim a hegemonia neoliberal, que permeia os aspectos econômicos, e conferindo tonalidade utilitária ao vivido.

A de(s)colonização do conhecimento exigiria considerar ontoepistemologias de grupos subalternizados, que percebem com e a partir de corpos e lugares outros, em substituição ao sistema-mundo da colonialidade (Grosfoguel, 2008). Indicamos haver na tradição do baque solto uma diversidade de maneiras de “sentirpensar” (Escobar, 2014) promotoras de encantamento brincante, pois sabe-se que a condição da “*diversão-devoção*” exprime sentidos fusionais de perceber aspectos da realidade integralmente composta por dimensões cognitivos-afetivos-emocionais-espirituais que engendram a necessidade de se discutir perspectivas transpessoais.

A partir da referida ação de resgatar ontoepistemologias outras como de natureza cognitivo-afetivo-emocional-espiritual, destaca-se que o encantamento brincante se mostra, enquanto condição de política de vida, assumindo possibilidades polirracionais, pluriversais e plurilinguistas diante do hegemonicamente compreendido como ciência moderna ocidental. Assim (re)existir formas de ser/saber leva o campo da educação a reinventar suas práticas na diversidade do encantamento do mundo (Simas; Rufino, 2018), coerentemente ao que engajamos neste ensaio como tradição do baque solto e as suas condições que nos reabilita a promover teórico-metodologicamente interlocuções entre ciências e tradições, compreendidas aqui como um complexo holomovimento que integra o ser às suas práticas, favorecendo a nossa compreensão da de(s)colonialidade que desencadeia o florescimento da energia criadora anteriormente limitada pela unilateralização do conhecimento hegemônico dominante.

Desse modo, a emergência do pensamento de(s)colonial apresenta-se com grande importância por dialogar com os estudos da espiritualidade contemporânea e da educação integral e contemplativa, nos permitindo maiores desdobramentos para compreender de forma ontoepistemologicamente ampliada as formas de conhecimento experienciais, apresentacionais, proposicionais e práticas baseadas em relações cooperativas (Ferrer, 2017; Ferreira *et al.* 2022, 2023; Heron, 2006). Dando assim melhores condições de perceber o

encadeamento das partes em interação e a maneira que isso repercute na vida do ser brincante, aqui sendo visto enquanto processo de trans-formação.

Portanto, ao investir essa compreensão no inquérito do vivido, por uma perspectiva de espiritualidade composta por formas autônomas, bem como, cooperativas, confere-se um entendimento do espiritual para além da sua condição sinônima de religioso. É oferecido assim uma maior amplitude em pensar a espiritualidade na textura própria do vivido, abrangendo aspectos trans-formativos diversos, como pela via do somático, imaginal, energético e sutil e ajudando-nos a entender a centralmente mencionada condição da “*diversão-devoção*”.

A categoria da “*diversão-devoção*” é então compreendida pela perspectiva dessas noções sobre as espiritualidades de(s)coloniais, por isso prenuncia-se o fundamento de entendê-la em seu sentido plural, mostrando-se enquanto movimento contra-hegemônico desafiador da concepção da espiritualidade euroestadunidense centrada, historicamente imposta ao resto do mundo como um desenho global, de caráter hiperindividualista.

No desenvolvimento dos brinquedos populares, assim como no Maracatu Rural, naturalmente é vista a ocorrência de expressões de louvores, chamadas aqui de “*diversão-devoção*”, que contam com movimentos dançantes de forte potência criativa. Desta forma, essas expressões de vida são compreendidas como um trans-bordamento da alma. Na tradição do baque solto, a mesma condição é comumente referida como vigor brincante, uma forma de prazer expansivo que impulsiona a supracitada “*diversão-devoção*”, verificada a sua existência em nossos estudos sobre as espiritualidades de(s)coloniais nas experiências brincantes do Maracatu Rural ou Maracatu de Baque Solto na Mata Norte de Pernambuco. Dessa maneira, fazendo os brincantes se manterem integralmente conectados multidimensionalmente em seus aspectos intrapessoais, interpessoais e transpessoais.

Evidentemente trata-se de uma celebração da abundância e do desafio da vida que confere o caráter trans-dimensional, por isso é muito comum os brincantes se referirem ao seu brinquedo utilizando-se de termos como “diversão” e “devoção”, com os quais o citado aspecto do divino possui expressões imaginativas, dramáticas e apaixonadas em nossa expressão imediata do mundo (Heron, 2006). E declarada enquanto práticas espirituais agregadoras ao

nosso ser, o que estimula reinvenções nas formas de conhecimentos por vias transformativas-participativas-de(s)coloniais.

As espiritualidades de(s)coloniais são plurais e encarnam um movimento de integração no cotidiano dos seres, promovendo uma ação prática colaborativa do sagrado, como presença viva do mistério gerativo da vida, com todos os existentes. Essas espiritualidades são inseparáveis da natureza e expressam uma relação ativa entre humanos e “extra-humanos” (Castro, 1996) numa dinâmica de encantamento brincante.

Os elementos místicos/mágicos transbordam no movimento brincante do baque solto, fazendo das espiritualidades de(s)coloniais um modo de fazer Deus sorrir e as Deusas ascenderem e resistirem às imposições de um modo único de acessar as potências espirituais. Os encantados são evocados no ritmo dançante e congregam um cortejo que celebra a vida e a toma como fruição e não como mercadoria.

Os brincantes da tradição do baque solto, como no Maracatu Rural, indicam termos que falam dessa espiritualidade brincante de(s)colonial para se referirem ao brinquedo que compõe a sua vida. Portanto, declarações como: “*Maracatu é Magia*” ou, até mesmo, como visto na Ciranda: “*A ciranda casa e batiza*” transbordam encantamento. Sendo notória a presença de todos esses aspectos de natureza espiritual na vida dos mesmos, garantindo-lhes um movimento de vida mais abrangente dos aspectos diversos que compõem o ser. Entendemos isto como processos de trans-formação do ser pela via brincante.

Em complemento a essas noções sobre as espiritualidades brincantes desdobradas, discorre-se mais sobre a perspectiva de(s)colonial da espiritualidade humana por um outro eixo perceptivo que fomenta a construção de uma teoria transpessoal pluriperspectivista (Ferreira *et al.* 2022, 2023) e espiritualmente incorporada (Ferrer, 2017). Assim, é composta uma noção de espiritualidades de(s)coloniais criativas e brincantes, em que é de interesse central ir além do “*EU*” individualista moderno, sendo mais investido o estudo da dimensão espiritual que atravessa e transcende ideias de natureza e de existência humana separadas.

Essas espiritualidades brincam nas brechas do mundo e encarnam nos coletivos através da percepção da interdependência entre todos os seres de Gaia, colocando a natureza individual

do “*SER*” como um projeto alucinado do Ego Conquiro (Dussel, 2005), pois somos sempre permeáveis a complexidade do todo. Portanto, a prática espiritual brincante do baque solto desvela as dimensões incorporadas, relacionais e enativas de cocriação espiritual, ajudando o ser a se trans-formar com e no mundo.

Em suma, vê-se a emergência de ontoepistemologias outras para reinventar a educação em aspectos mais amplos, próprios do engajamento do ser-mundo, por isso a central importância em se propor um conjunto de perspectivas de(s)coloniais em educação com o objetivo de gerar reinvenções a partir de folguedos brincantes originados dos povos subalternizados que propõem maneiras outras de vidas resistentes à colonização e à colonialidade moderna. Como a perspectiva do encantamento dentro do campo da tradição do baque solto, composição predecessora dos brinquedos populares da Mata Norte de Pernambuco.

3. AS TRANS-FORMAÇÕES DO SER BRINCANTE AO RITMO DO BAQUE SOLTO

175

A tradição do baque solto favorece processos de trans-formação do ser brincante através da inclusão das espiritualidades de(s)coloniais. A “*diversão-devoção*”, como marcador desse processo transformativo brincante, indica um transbordamento da alma e uma celebração da abundância da vida. O que favorece a fruição das mais diversas trans-dimensões da vida através de experiências sagradas, imaginativas e lúdicas, assim como o proporcionado pelos brinquedos populares da Mata Norte de Pernambuco, tais como o Maracatu Rural, o Cavalo-Marinho, o Caboclinho e a Ciranda.

A tradição do baque solto contribui para o reencantamento da educação enquanto uma experiência colaborativa, em contínuo processo de criatividade, aprendizagem e desenvolvimento, a qual se recria continuamente através de ciclos de inquérito vivo colaborativo, isto é, uma diversidade de formas em educação que explora formas de associação na vida diária e no trabalho, de cuidado e de celebração. Assim, rompendo com as metodologias tradicionais e com currículos que não consideram e/ou respeitam o conhecimento de mundo, os saberes, valores e modos de vida periféricos.

Apontamos que o encantamento brincante em educação contrapõe-se ao sistema de desencantamento que credibiliza a singularização das concepções, princípios e objetivos da referência neoliberal sobre a vida, por isso a tarefa urgente de cocriar reinvenções em educação, produzindo maneiras plurais de caráter ontoepistemológico, percebido nas experiências de trans-formação do ser brincante, em que se cocria para explorar significados, construir relacionamentos e manifestar criatividade. Processo esse engendrado pela ação colaborativa trans-dimensional.

Por conseguinte, reinventar a educação pela perspectiva da trans-formação é formar um campo de subversão das experiências de mundo em nome de pluralidade, reencanto e política. De modo que um processo educativo de natureza de(s)colonial reivindica formas de vida coexistentes e de participação ecológica entre os seres, contrário ao processo da colonialidade. Portanto, a educação é aqui vista como experiência e prática de vir a ser, evocando outras respostas ao mundo e diferentes formas de habitar, de modo a promover entendimentos educativos separados da sistemática racionalização e desumanização (Walsh, 2013), tornando possível as práticas que se colocam a serviço de lutas sociais, políticas, ontológicas e epistêmicas de libertação, bem como, buscando gerar outras maneiras de ser, estar, pensar, saber, sentir e existir.

Logo o ritmo do baque solto é visto como capaz de afirmar a vida como uma política de construção de conexões entre o humano e a natureza, enquanto prática trans-formadora, produzidas em contextos de luta e resistência que fraturam a modernidade/colonialidade. Posto isso, o aspecto brincante reinventa a polissemia do mundo, resgatando o sentido primário de natureza, como ser inerente ao pensamento das comunidades, dos líderes e dos intelectuais indígenas, o que nos fornece amplitude ontoepistemológica. O que também se refere ao aspecto da espiritualidade em um sistema complexo de cosmologia ocidental, estruturado teológica e secularmente.

Em complemento a noção de amplitude ontoepistemológica sobre o “*ser brincante*”, estimula-nos a repensar o humano e a natureza, por isso tecemos a rede de compreensão acerca desse viés de trans-formação também estabelecido nos estudos do antropólogo Eduardo

Viveiros de Castro (Castro, 2017) quanto à acepção do multinaturalismo. Perspectiva situada a partir da virada ontológica, condição introdutória para se compreender a mudança de foco sobre a discussão epistemológica, que historicamente engendra perguntas sobre a possibilidade do conhecimento se abrir a novas ontologias.

A virada ontológica nos faz perceber as manobras da perspectiva moderna de base cartesiano-kantiana que estabelece preceitos universalizantes de matriz mental/material, representação/realidade, cultura/natureza e significado/coisa, sendo essencial percebermos a cultura do baque solto, não enquanto cultura em seu sentido ocidental; mas enquanto enunciações de mundos ou naturezas diferentes que substancializam os folguedos populares e os seres brincantes por perspectivas trans-formativas.

Ainda por isso, a necessidade da utilização do termo multinaturalismo, pensamento cosmológico de multiplicidade inumerável de modos finitos de vida. Portanto, o multinaturalismo é concebido como uma rede de relações, a qual compõe a nossa concepção de educação enquanto trans-formação, e assim problematiza os clássicos dualismos entre humanos e extra humanos ou entre natureza e cultura, exigindo a partir disso proposições participativas ao processo de trans-formação do ser, envolvendo diversos modos de desenvolvimento por relações de participação mútua e cocriação entre as presenças.

A noção de educação, enquanto trans-formação humana a partir do multinaturalismo e do movimento transpessoal, é importante fundamento do marcador da de(s)colonialidade que aqui se engaja e engendra maneiras descentradas de conhecer, como a via do somático, do emocional, do estético, do intuitivo e do espiritual. Os conteúdos-experiências transpessoais são entendidos como capazes de respaldar o entendimento do processo de trans-formação humana, como as experiências transpessoais dos brincantes em seus processos de expansividade da consciência do ser diante das dimensões corporais, emocionais, mentais, sócio-culturais e espirituais, o que confere ao campo da educação possibilidades e mudanças no pensar, no sentir e no agir do ser.

Perceber o baque solto e os seus folguedos pela concepção da educação é diretamente relacioná-los ao seu aspecto não-formal, como o destacado pela professora Maria da Glória

Gohn (Gohn, 2006), no qual a educação nesses espaços é construída mais difusamente, menos hierarquizada e menos burocrática que a educação tradicional. Por esse mesmo fato, a educação não-formal está muito atrelada à ideia de cultura, um espaço de formação enredado pela aprendizagem de saberes para a vida em coletividade.

A formação em espaços não-formais é mais facilmente passível de envolver aspectos extra-subjetivos, isto é, além do plano emocional e cognitivo do ser. Por conseguinte, habilidades da ordem do somático, do emocional, do estético, do intuitivo e do espiritual capacitam os participantes para o desenvolvimento de uma atividade de criação. Também por isso é considerada uma perspectiva da educação de base de(s)colonial, pelo motivo de contrapor diretamente a visão de sujeito fragmentado, compreensão própria da modernidade, o que reverbera pejorativamente numa proposta pedagógica que privilegia o conteúdo, a técnica e o resultado. Por esse motivo, o nosso esforço em tecer perspectivas trans-formativas para o campo da educação.

E com o elucidado transbordamento da vida, a condição brincante nos fornece proeminentes entendimentos de uma espiritualidade plenamente incorporada de prática integral no contexto da vida dos seres, assim como no espaço da educação integral e contemplativa. Espiritualidades essas de caráter de(s)coloniais, como uma cultura espiritual despida da religião. Assim a necessidade de cultivo de uma noção de espiritualidades relacionais, na qual a própria textura da vida cotidiana participa do processo de formação.

Reinventar a educação pela categoria geral da espiritualidade nos desafia a investigar mais a fundo a própria realidade em seu aspecto ontológico, por isso consideramos que as espiritualidades pela perspectiva de(s)colonial são compreendidas como experiências trans-formadoras que resgatam o vigor, que trans-forma e anima a vida dos brincantes.

As espiritualidades de(s)coloniais são eminentemente participativas, sendo compreendidas de forma cocriativa trans-dimensionalmente em seus aspectos intrapessoal, interpessoais e transpessoais. Essas dimensões devem ser compreendidas de maneira interrelacionadas e direcionadas ao engajamento no mundo vivido, além de regularem a abertura ao espírito na direção de modos de vida cada vez mais expandidos. Visto na tradição

do baque solto como o comum estado de graça proferido pelos brincantes diante de momentos de expressão com seu brinquedo, como os estados de epifania próprios das sambadas de Maracatu Rural.

Podemos compreender o encantamento do baque solto como potência reinventiva aqui referida como política do desencantamento diante das degradações das influências da modernidade/colonialidade determinadas pela supremacia do pensamento ocidental moderno cartesiano/positivista nos processos de educação, visto que toda a fundamentação articulada representa notas de encantamento de(s)colonial sobre as formas de ser, saber, existir, conhecer e viver ainda movidas pelo sistema-mundo civilizatório moderno.

A necessidade de reencantamento dos brincantes através dos brinquedos populares ecoa esperançosamente como uma ferramenta de reinvenção dos processos educativos. A potência multiperspectiva de trans-formação humana presentes nesses folguedos indica a necessidade de continuarmos investigando os múltiplos aspectos/enviesamentos das espiritualidades de(s)coloniais no campo da educação, como percebe-se haver nos processos de “*diversão-devoção*” enquanto contextura da trans-formação do ser brincante.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS OU UM ENCANTAMENTO BRINCANTE QUE NÃO CESSA

A compreensão espiritual mobilizada pela tradição do baque solto aproxima-se do que buscamos desdobrar dentro do aspecto da formação humana como condições abrangentes do ser. Por isso é mais bem representado para nós como trans-formação humana, alicerçado na participação colaborativa de todos os atributos humanos, como o corpo, energia vital, coração, mente e consciência e suas múltiplas relações com a Terra e os extra-humanos.

O baque solto é uma tradição que historicamente gerou influências dançantes, musicais e de recitação de versos e loas, possibilitando aos seus Mestres e Brincantes experiências educativas de base de(s)colonial, conferindo protagonismo às histórias de vida de todos os

participantes, o que poderia engendrar experiências de maior participatividade aos processos educacionais.

A trans-formação humana, a partir do encantamento brincante, move a ancestralidade em sua potência espiritual reativando as experiências comunitárias e coletivas, rompendo com as lógicas individualistas apoiadas pelo capitalismo. De modo que o contexto formativo se abre para o de(s)colonial, assim sentirpensar a educação como trans-formação humana numa perspectiva de(s)colonial pode nos oferecer processos de trans/formação, ao reconhecer a multidimensionalidade humana e suas permanentes interações com os extra-humanos que passam a ser consideradas no processo formativo.

Contribuir para a reinvenção da educação pela via do encantamento brincante, permite-nos compreender a educação por múltiplas formas descentradas de ontoepistemologias ocidentais, que priva a natureza das experiências vividas do ser ao lhe prestar uma diversidade de modos de cultivo trans-formativos. A perspectiva do encantamento brincante engendra uma visão de mundo que possui enquanto base a relação de cocriação entre as presenças vivas dos encantados, brincantes e do divino que se faz lúdico.

O campo experiencial imediato de presenças participantes no cortejo do Maracatu fomenta a emergência de uma espiritualidade brincante que se contrapõe aos modos de dominação colonial pelo medo e pela violência. Nos brinquedos populares há a presença de aspectos de divinização lúdica. Isso está expresso no Maracatu Rural, enquanto: “*Maracatu Rural é Paixão e/ou Maracatu Rural é Magia*”, ainda: “*A ciranda casa e batiza*”. Essas são máximas que exprimem o caráter trans-formativo da tradição do baque solto.

Quando agregamos aos fundamentos da educação propriedades polissêmicas do mundo de natureza de(s)colonial, integramos eventos cocriados espiritualmente de forma intrapessoal, interpessoal e transpessoal propiciando uma diversidade de maneiras de ser, estar, pensar, saber, sentir, existir e viver-com, compondo o que chamamos na tradição brincante do baque solto de aspectos de diversão-devoção, que possibilitam experiências de trans-formação humana de base de(s)colonial.

O encantamento brincante da tradição do Maracatu do Baque Solto e suas experiências de alargamento de si, do outro e do mundo ampliam o modo de sentirpersarmos os processos trans-formativos no campo educacional, pois ao resgatar o lúdico e a potência dos brinquedos populares e suas espiritualidades de(s)coloniais abrem espaço para construção de caminhos que ajudam na reinvenção de uma educação que possa ser brincante e encantada.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Luiz. **O reino dos mestres**: a tradição da jurema na umbanda nordestina. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**: Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio**. Mana, vol. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo. **A Colonialidade do Saber**: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Ayres: Clacso, 2005.

ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar com la Tierra**: Nuevas Lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: Universidad Autónoma Latinoamericana/ Ediciones UNAULA, 2014.

FERRER, Jorge. **Participation and the mystery**: transpersonal essays in psychology, education, and religion. Albany: State University of New York Press, 2017.

FERREIRA, Aurino Lima; SILVA, Silas Carlos Rocha; CUNHA, Djailton Pereira da; BEZERRA, Marlos Alves. **Notas para decolonizar os estudos transpessoais no Brasil**: Contribuições do pluriperspectivismo participativo. Psicologia: Ciência E Profissão (ONLINE), v. 43, p. 1-19, 2023.

FERREIRA, Aurino Lima; SILVA, Sidney Carlos Rocha da; SILVA, Silas Carlos Rocha da; SANTOS, Adriano Albino dos. **Psicologia transpessoal e a espiritualidade participativa decolonial**. In: Valdemar Augusto Angerami. (Org.). Psicologia e religião. 2ed. Belo Horizonte: Artesã, 2022, v. 1, p. 225-260.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

GROSGOUEL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais**: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, 2008.

HERON, John. **Participatory spirituality**: A farewell to authoritarian religion. Morrisville, NC: Lulu; 2006.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Maracatu de Baque Solto**. Dossiê de Candidatura, 2013.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica**: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, Walter. COLONIALIDADE: O LADO MAIS ESCURO DA MODERNIDADE. **Revista Brasileira De Ciências Sociais**, 2017.

182

OCAÑA, Alexander Ortiz; LÓPEZ, María Isabel Arias; CONEDO, Zaira Esther Pedrozo. **Decolonialidad de la educación**. Emergencia/urgencia de uma pedagogía decolonial. Santa Marta/Colômbia, Universidad del Magdalena, 2018

RIBEIRO, José. **Catimbó**: magia do Nordeste. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

SENA, José Roberto Feitosa de. **Maracatus rurais do Recife**: entre a religiosidade popular e o espetáculo. 2012. 165 f. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

SIMAS, Luiz Antônio. **O corpo encantado das ruas**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Flecha no Tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato**: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

WALSH, Catherine (Ed.). **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

Submetido: 18/04/2024

Aprovado: 18/06/2024